

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES E INTERAÇÕES NOS SISTEMAS FAMILIARES PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Rozilda das Neves Alves*

Cristiane Oliveira Defendi

Introdução

Ao se fazer um resgate histórico sobre família, observa-se que o grupo familiar, o sentido e o significado de família, passa durante os séculos, por várias mudanças. Entre os séculos XVII até XIX o modelo familiar dominante era o patriarcal. O sistema social e econômico baseava-se na agricultura, o pai era quem tinha total poder sobre os seus filhos, era quem ditava as regras e era ele o condutor moral do desenvolvimento dos filhos (Souza, Freitas & Rodrigues, 1998).

Após o século XVII, as grandes famílias patriarcais deram lugar ao surgimento da família nuclear, constituída apenas pelo pai, mãe e filhos, representando uma significativa diminuição do número de seus membros, e o surgimento de um novo sentimento familiar associado à valorização da infância (Ariès, 1981).

Antes do processo de industrialização, quase que em todas as sociedades, o cuidado com os filhos e as atividades domésticas, cabia única e exclusivamente às mulheres. Segundo Lypovetsky (2000) entre os anos vinte e cinquenta cria-se uma nova cultura sobre as atividades femininas, que exaltam o ideal de esposa-mãe que se consagra aos filhos.

Segundo Souza, Freitas e Rodrigues (1998), após o século XIX surge o modelo patriarcal moderno juntamente com a sociedade industrial, que criou o aparecimento de uma nova classe urbana, a burguesia. O pai que tinha autoridade rígida perde seu espaço. Aliado ao declínio do poder paterno dentro da família surge uma nova concepção sobre as mulheres, por meio da qual se atribui à mãe responsabilidade quase absoluta pelos filhos. Entretanto, ainda permanece a figura do pai como provedor da família.

No período entre as duas guerras mundiais, o consumo, a juventude, e a beleza, constituíram as novas obrigações da mulher do lar. A mulher considerada consumidora representou um novo modelo de vida feminino e um novo ideal de mulher no lar. Foi nos anos sessenta que se estabeleceu o ciclo da mulher do trabalho.

De acordo com Lypovetsky (2000), foi através da ascensão da mulher no mercado de trabalho e a sua recusa em ser somente entendida e aceita como esposa-mãe, é que surgiu a feminilidade moderna, uma vez que desde o século XVIII a mulher vem assumindo novos

papéis sociais e familiares. Essa conquista de poder pela mulher dentro do grupo familiar aconteceu em paralelo ao declínio do poder do pai (Roudinesco, 2003).

Assim, após os anos de 1960 nasce a família dita “contemporânea”, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual (Roudinesco, 2003).

Segundo Lypovetsky (2000) com a abolição da diferença dos sexos, criou-se um novo ciclo histórico nas sociedades democráticas. Esta autora aponta sobre as mudanças ocorridas na família contemporânea, na qual a partir destas conquistas, obteve-se o reconhecimento social da mulher, o controle sobre a procriação, a maternalização da família, e em alguns sistemas sociais o referencial igualitário no casal.

No século XX nasce a Pós-Modernidade com uma nova ordem familiar, com relações afetivas passageiras, relações homossexuais, flexibilidade nas relações emocionais, aumentando assim o número de divórcios e novos casamentos. Uma grande evolução no meio de comunicação movida pela internet, às exigências do mercado de trabalho por formação profissional, a competitividade exacerbada, enfim, várias mudanças e influências impostas à família.

As principais mudanças significativas na estrutura familiar são que os grupos familiares estão cada vez menores, e a figura feminina tem importante papel nas principais mudanças ocorridas na pós-modernidade. A sua entrada no mercado de trabalho, cada vez mais assumindo cargos que antes eram destinados aos homens, em muitas famílias assumindo o papel de chefe da família, procura por ascensão profissional, para depois pensar em ter filhos.

Na última década, não há um padrão, um modelo dominante de estrutura familiar. Essa nova ordem familiar, é uma variável “que se reorganiza e se reinventa, produzindo e reproduzindo valores, modelos de comportamento e formas de organização” (Cervený & Berthoud, 2009, p. 28).

Assim durante os séculos a família passa por várias mudanças, de ordem e domínio dentro do grupo familiar, hoje se presencia uma mudança no próprio conceito de família. A família está em constante mudança, o que se deve é sensibilizar o modo de olhar e acolher cada grupo familiar, respeitando seus valores, suas crenças, os seus padrões transacionais (Minuchin, 1982).

Objetivo

O presente trabalho objetiva refletir sobre a importância das relações e interações dentro do sistema familiar, trazendo assim o que os autores relatam sobre o assunto. Neste sentido, este trabalho buscará realizar reflexões sobre a importância destas relações e interações nos sistemas familiares para o desenvolvimento dos indivíduos pertencentes a estes sistemas.

Método

O estudo foi construído a partir da reflexão sobre a importância de um ambiente facilitador para o desenvolvimento saudável do indivíduo, no qual este ambiente se confere ao sistema familiar. Trazendo assim, a visão de que o indivíduo aprende sobre si próprio e sobre o outro, através das relações sociais, do processo histórico em que o indivíduo está inserido, obtendo a compreensão deste como manifestação da totalidade social (Lane & Codo, 2001).

A partir dessa visão, de que o indivíduo constrói seu mundo interno, sua subjetividade por meio de suas vivências e experiências com o mundo externo, é que foi se estruturando o trabalho, trazendo a reflexão sobre a importância das relações e interações no sistema familiar para o desenvolvimento do indivíduo.

Primeiramente, o trabalho busca realizar uma breve descrição sobre as mudanças ocorridas no sentido e significado de família, as mudanças e influências que a família vem sofrendo dos valores culturais e da sociedade em que estão inseridas, no decorrer dos séculos.

Após, será exposta a importância do vínculo materno na díade mãe e filho, procurando explorar a importância de um ambiente facilitador para o desenvolvimento infantil. Em seguida serão apresentadas as etapas do ciclo de vida, buscando explorar principalmente as etapas da união do casal e o casal com filhos pequenos.

E, por fim, será abordado o sistema familiar que, segundo Minuchin (1982), funciona através de padrões transacionais, e que por meio desse obtém-se a organização dos comportamentos dos membros da família.

Discussão dos resultados

As etapas no ciclo de vida familiar

Carter e McGoldrick (1995) relatam sobre a importância de desenvolver um olhar que

englobe o sistema familiar como um todo, respeitando as suas formas de interação, de relacionamento, suas regras, valores, e meio social em que estão inseridas.

O objetivo das autoras é trabalhar e expor o ciclo de vida em termos do relacionamento intergeracional, sem a intenção de estereotipar e simplificar as transações do ciclo de vida.

Assim, relatam que o ciclo de vida e o desenvolvimento de cada membro da família, ocorrem dentro do sistema familiar, e essa visão torna-se importante para o entendimento dos problemas emocionais que cada indivíduo desenvolve na medida em que se relacionam e somam experiências de vida juntos.

As autoras discutem os estágios do ciclo de vida familiar, que são divididos pelo estágio do casamento, o nascimento e a educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, aposentadoria e morte.

Os fatores que levam a mudanças nos padrões do ciclo de vida familiar são os fatores culturais e as transformações da sociedade, como o índice de natalidade menor, a mudança do papel feminino e sua entrada no mercado de trabalho, a expectativa de vida mais longa. Todos estes fatores influenciam nos processos de transições de um estágio para o outro, no ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 1995).

O primeiro estágio do ciclo de vida familiar apontado pelas autoras é o “O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro”, um estágio em que o jovem adulto se separa da família de origem, em busca de estabelecer objetivos de vida, e pensar sobre formar um novo subsistema familiar. As autoras apontam que nessa transição de estágio, o jovem deve separar-se da família de origem, sem romper as relações, ou mascarar essa separação com outro substituto emocional. Nessa fase é o momento dos jovens se diferenciarem emocionalmente do sistema familiar de origem. (Carter & McGoldrick, 1995).

Outro estágio do ciclo de vida familiar é “A União das Famílias no Casamento: O Casal” que representa segundo as autoras a união de dois sistemas inteiros, com suas formas de interação, valores e crenças, para a formação de um terceiro sistema, o novo casal.

Um dos principais fatores de problemas nesta fase como relatam as autoras é a dificuldade do novo casal em estabelecer limites e fronteira entre os subsistemas ampliados, intergeracional, possuindo assim, um emaranhamento com suas famílias de origem, e desenvolvendo dificuldades de definirem esse novo sistema familiar.

Nesta condição, as autoras pontuam que é necessário ajudar o novo casal a refletir e mudar, para uma nova definição, da posição deles no novo sistema, de definição de si

mesmos.

A incapacidade do casal de refletir e mudar para essa nova definição, como relatam estas autoras, faz com que os padrões familiares da família de origem interfiram na incapacidade e dificuldade de cada um, para transição da condição de casal.

O próximo estágio abordado por estas autoras é o “Tornando-se Pais: Famílias com Filhos Pequenos” em que se requer dos adultos envolvidos nesta fase uma maior maturidade, para se tornarem cuidadores da próxima geração “os filhos”.

Um dos problemas enfrentados nesta fase são as brigas entre o casal em assumir responsabilidades, de se tornarem pais, responsáveis pelos seus filhos, de colorem limites, de exercer sua autoridade (Carter & McGoldrick, 1995).

Assim, como em outras fases do ciclo de vida, esta se caracteriza pela soma de várias mudanças e, uma das principais mudanças é o funcionamento dos seus membros que, agora além de assumir o papel de marido e mulher, passam a exercer o papel também de pais, o que significa um grande desafio para a família, que é a entrada de um novo membro no sistema, o filho.

Vale ressaltar, também, que devido à rotina moderna, cada vez mais o espaço para paternidade se torna mais escasso, devido aos compromissos inerentes a vida profissional e educacional, tanto do homem quanto da mulher, o que resulta em um motivo a mais para o casal ir prolongando a decisão de ter ou não filhos.

Nesta fase é necessário ajudar os pais a assumirem e reconhecerem as mudanças em seus *status* dentro do sistema familiar, a resolverem o seu relacionamento e buscarem um novo equilíbrio, para seguirem se desenvolvendo como sistema.

Carter e McGoldrick (1995) expõem que para se obter a definição de “família”, como também suas fases de transição do ciclo de vida familiar, é necessário ter um olhar global, sistêmico, levando em conta a sociedade e a cultura em que a família esteja inserida. Assim, na maioria das vezes o modelo apresentado de família é o tradicional, o que não significa que seja o único, pois nos dias atuais têm-se vários modelos e estruturas familiares.

O sistema familiar

Minuchin (1982) expõe que é inerente ao ser humano viver em grupos, e que as

diversas sociedades se desenvolvem e vivem através de agregações sociais, e que se diferenciam pela forma de organização e diferenciação.

O autor aponta, ainda que:

As funções da família atendem a dois diferentes objetivos. Um é interno – a proteção psicossocial de seus membros; o outro é externo – a acomodação a uma cultura e a transmissão cultural. (Minuchin, 1982, p. 52)

Minuchin (1982) relata que a tarefa principal da família é de proporcionar apoio psicossocial aos seus membros, torna-se importante o deixar-se mudar, ter a flexibilidade de encarar a mudança imposta pela sociedade, mas manter-se suficiente como sistema familiar de apoio aos seus membros, para que estes possam se desenvolver e se adaptar as mudanças.

O sistema familiar, em todas as culturas, é a principal matriz responsável para o desenvolvimento da individualidade dos seus membros. É na família que se desenvolve a identidade humana, “um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado” (p. 53). Minuchin (1982) explica que o sentimento de separação e individuação dos membros da família, em busca da construção de sua individualidade, resulta através da participação em diferentes subsistemas familiares e extras familiares.

O autor relata que para obter a compreensão da família como um sistema dentro de um contexto social, deve-se, levar em conta três componentes:

Primeiro, a estrutura da família é a de um sistema sócio-cultural aberto em transformação. Segundo, a família passa por um desenvolvimento, atravessando certo número de estágios, que requerem reestruturação. Terceiro, a família se adapta a circunstâncias modificadas, de maneira a manter a continuidade e a intensificar o crescimento psicossocial de cada membro. (Minuchin, 1982, p. 56)

A estrutura familiar é formada através de regras ou exigências funcionais, de como e quando os membros da família interagem-se. O sistema familiar funciona por meio de padrões transacionais (Minuchin, 1982). O autor explica que é através dos padrões transacionais, que se obtêm a organização dos comportamentos dos membros da família.

Esses padrões transacionais são mantidos por dois sistemas de repressão, um é o “genérico” que representa as regras que governam a família, as transações de hierarquia de poder, e o outro é o “idiossincrático” que é as transações de expectativas de trocas entre os

membros da família. É através destes sistemas que a família se mantém e se organiza, frente às mudanças, as resistências, enfim às influências que ela sofre (Minuchin, 1982).

O autor aponta que os sistemas familiares se diferenciam pela formação de seus subsistemas, estes, que são formados por cada indivíduo membro do sistema, e que se relacionam com outros grupos familiares e extra-familiares, onde acabam aprendendo habilidades diferenciadas. Minuchin (1982) relata que esta organização de subsistemas é importante para os membros do sistema, pois fornece a estes o treinamento e a manutenção da individualidade, e a aquisição de habilidades interpessoais.

Minuchin (1982) aponta um importante fator dentro do sistema familiar, que são as fronteiras, que representam as regras, que definem o papel de responsabilidade e de autoridade de cada um dentro do sistema familiar. O autor explica que a função das fronteiras é proteger a diferenciação do sistema, e que a nitidez destas fronteiras faz com que se obtenha um bom funcionamento do sistema.

Minuchin (1982) relata também sobre os ciclos de desenvolvimento do sistema familiar. O primeiro é o subsistema conjugal, que é formado por um novo casal, em que o funcionamento deste, é necessário o apoio mútuo do casal, no qual eles devem se proteger das interferências e exigências de outros sistemas.

O segundo subsistema apresentado é o Parental, em que um novo nível familiar é atingido pelo nascimento do primeiro filho. Minuchin (1982) aponta que o casal deve se diferenciar para poder desempenhar as tarefas de socialização da criança, sem perder o apoio mútuo, e desenvolver uma fronteira para receber essa criança no sistema familiar, sem envolver esta nas funções conjugais.

O terceiro subsistema é o Fraternal, em que os filhos começam suas relações com iguais, com grupos extra-familiares, e com as relações de cooperar e competir com os irmãos. É onde os filhos aprendem novas formas de se relacionar com outros grupos, e trazem estas experiências para o subsistema fraternal (Minuchin, 1982).

Assim, o sistema familiar para se desenvolver e se adaptar as circunstâncias e mudanças, e ser um sistema normal em funcionamento, deve abranger um esquema conceitual.

Este esquema considera que a família é um sistema em constante transformação,

necessita adaptar-se e reestruturar-se frente às mudanças, para desenvolver uma estrutura de padrões de funcionamento e de relações entre os membros. Obtido através dos padrões de funcionamento e de relações as fronteiras, que delimitam as responsabilidades e autoridades de cada membro, e por fim, que o sistema familiar seja capaz de se adaptar ao estresse, e as influências da sociedade de maneira a manter a continuidade familiar (Minichin, 1982).

O vínculo materno e a sua importância para o desenvolvimento infantil

Observa-se que o valor dado a maternagem, o relacionamento mãe-filho, historicamente, passou também por várias mudanças, quanto suas práticas e concepções, ao receberem influências sociais (Moura & Araújo, 2004).

Por um longo período a maternagem foi pensada como relacionada à maternidade, como função feminina por excelência. Moura e Araújo (2004), expõem que a exaltação ao amor materno é fato recente dentro da história da civilização ocidental, constituindo-se este vínculo, a partir do século XVIII, como “instintivo” e “natural”.

Segundo Salem (citado em Moura & Araújo, 2004) em entrevista com casais, na década de 80, o processo de maternidade e paternidade passa a envolver o casal, no qual ambos, homem e mulher, possuem um investimento emocional com a criança, iniciando-se desde a gravidez.

Atualmente, vários autores como Rico (citado em Souza, 2005) e Trucharte e Knijnik (citado em Souza, 2005) afirmam que muito além do nascimento, e ainda na vida intra-uterina, tem-se início à formação do vínculo entre a mãe e seu filho, um processo de comunicação sutil que torna esta troca íntima e profunda.

Souza (2005) expõe que o vínculo materno, entre mãe e filho, é de importância vital para o feto, pois este necessita sentir-se amado e desejado, para propiciar a continuação harmoniosa e saudável de seu desenvolvimento. Para toda a vida do indivíduo, a força e qualidade deste laço, influenciarão na qualidade de todos outros futuros vínculos que serão estabelecidos com outras pessoas do convívio do indivíduo.

Segundo Winnicott (1985) todos os cuidados que os pais dedicam ao seu bebê, não significa apenas um prazer para os pais e para a criança, mas trata-se de uma necessidade absoluta, e sem esses cuidados, o bebê não poderá transformar-se num adulto sadio.

O indivíduo para possuir um desenvolvimento normal necessita de uma mãe que possa suprir suas necessidades e que seja uma mãe “suficientemente boa”, que lhe proporcione um ambiente saudável para que possa tornar-se um adulto saudável e independente.

Nos primeiros estágios de vida da criança recém nascida, Winnicott (1980) explica que a mãe deve exercer algumas funções para ser uma mãe “suficientemente boa”. A função de segurar seu bebê, no sentido de identificar-se com seu filho e de lhe proporcionar segurança, denominado de *holding*, uma amplitude de sustentação e suporte adequado para que a criança possa desenvolver suas potencialidades, através da empatia da mãe. A mãe também deve cumprir a função de tocar seu bebê, para facilitar a formação de uma associação psicossomática na criança, para que desenvolva o sentido de ser real, e a função de apresentação de objetos, para que a criança inicie a capacidade de relacionar-se.

A mãe, na relação com seu filho pequeno, tem a grande responsabilidade de oferecer a proteção ambiental que este necessita, sabendo que falhas poderão prejudicar enormemente a construção do psiquismo da sua criança, mas também possibilitarão que ela se adapte, ao suportá-las. Winnicott (1980) chamou esses cuidados da mãe de “preocupação maternal primária”.

Souza (2005) aponta que a figura materna deve ser uma mulher com presença estável, capaz de dar amor ao seu filho e capaz de compreender e atender as solicitações básicas feitas pela criança. Um bebê que encontra uma figura materna com responsabilidade para interagir com ele com sensibilidade para interpretar e atender suas necessidades e seus sinais consegue desenvolver um satisfatório vínculo.

Uma pessoa que cresce e desenvolve-se em um bom lar, em um ambiente saudável, ao lado de pais afetivos dos quais pôde contar com apoio, proteção e conforto, consegue desenvolver estruturas psíquicas suficientes fortes e seguras para enfrentar as dificuldades da vida cotidiana (Mondardo & Valentina, 1998).

A criança que desenvolve o ego forte, por causa do apoio do ego da mãe, é quem consegue se tornar ela mesma. Bebês bem cuidados, rapidamente conseguem estabelecerem-se como pessoas (Winnicott, 1980). O apoio do ego materno ao bebê faz com que ele torne-se capaz de afirmar sua própria identidade. Esse apoio do ego materno ao ego do bebê ocorre através do relacionamento da mãe com seu bebê, no qual a mãe se identifica com seu bebê, e o bebê, por outro lado, se identifica com a mãe nos momentos de contato.

Através do suporte do ego auxiliar materno, que proporciona o bebê a desenvolver o seu próprio ego, a mãe, nesta fase, empresta o seu corpo temporariamente ao bebê, permitindo

à criança a ilusão necessária a seu desenvolvimento, de que ela e a mãe são uma só. Segundo Winnicott (1980), permite assim que a criança, no seu período inicial de vida, pense que o corpo da mãe é continuidade do seu, o bebê pode desenvolver posteriormente sua identidade.

Em certo período deste processo de desenvolvimento do bebê ele necessita que a mãe seja mal sucedida em sua adaptação. Segundo Borges (2005) é através de pequenas falhas na área de ilusão da criança, que vai estabelecendo-se a individualização da criança. A criança vai percebendo-se separada da mãe, conseguindo recuperar-se de certas vivências de aniquilamento, de frustrações internas e externas, levando o ego da criança a capacitar-se para suportar tais frustrações.

A saúde mental da criança é construída desde o início pelos pais, através do ambiente facilitador que eles proporcionam para seu filho. Esse ambiente é que facilita o bebê a desenvolver seus processos evolutivos e suas interações naturais com o meio, e que podem desenvolver-se de acordo com o padrão hereditário de cada indivíduo (Winnicott, 1999).

Para que a mãe proporcione um ambiente facilitador ao seu bebê, ela também necessita de um ambiente facilitador, sem interferências, e sem uma preocupação tão voltada para com o ambiente, este ambiente que pode ser proporcionado pelo pai.

Tanto Zimmerman (1999) como o Winnicott (1980) expõem que a mãe deve suprir as necessidades do seu filho, mas que ela não deve desenvolver uma relação simbiótica com ele, na qual só se preocupa com a criança, ou só se preocupa muito com si própria, e não consegue suprir as necessidades de seu filho.

Diante de todos os aspectos expostos perguntamos: Como conciliar a chamada “mãe suficientemente boa” apontada por Winnicott (1980) com a nova mulher que emerge no contexto atual de tantas mudanças? Sem dúvida, há que se relativizar esse conceito e refletir cuidadosamente sobre essas relações com o objetivo único de pensar talvez não em uma “mãe suficientemente boa”, mas em um “vínculo suficientemente bom” de um ambiente “suficientemente bom” esse ambiente que forma o sistema familiar.

Reflexões: a importância das relações e interações

Hoje se presencia uma mudança no conceito de família, no papel do masculino e feminino. As mudanças históricas e sociais estão ocorrendo e o enfrentamento dos desafios colocados por essa nova realidade é fundamental.

Sendo assim, seria mais adequado, levando em consideração todas as transformações ocorridas no conceito, significado, e sentido de família, falar em um “ambiente

suficientemente bom” para o desenvolvimento humano.

Carter e McGoldrick (1995) falam sobre as influências que o sistema familiar sofre e acarretam os padrões do ciclo de vida familiar. Essas influências, como relatado, são as transformações sociais e culturais, a mudança no papel feminino, e a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Assim, nas diversas sociedades, o sistema familiar sofre influência e interferência das mudanças culturais impostas, tendo que se adaptar e se acomodar, a essas várias mudanças.

Tanto Capra (1982) como Minuchin (1982) explicam que o ser humano vive e se dedica ao coletivo, a comunidade e vive em relações de interação, desta forma criam os valores, as crenças, a cultura, e formas de interação. E relatam que a evolução, o desenvolvimento humano progride através dessa interação entre os mundos internos e externos, dos indivíduos, das sociedades, e da cultura.

Minuchin (1982) relata que as mudanças na sociedade vêm ocorrendo e que o sistema familiar, vem se adaptando e se reestruturando com a sociedade. Assim o autor expõe que frente a essas mudanças, a tarefa principal da família é de proporcionar apoio psicossocial aos seus membros, em que o sistema familiar possa desenvolver a flexibilidade de encarar a mudança imposta pela sociedade, e conseguir manter-se suficiente como sistema de apoio.

Souza (2005) também relata sobre as relações e interações do sistema familiar, fala sobre a importância do estabelecimento do vínculo materno para propiciar a continuidade do desenvolvimento saudável do indivíduo.

Winnicott (1980) relata que é a força e a qualidade do vínculo, das relações no sistema familiar que influenciará na qualidade dos demais vínculos de experiências e vivências futuras que o indivíduo estabelecerá com os demais grupos e sistemas sociais.

Assim o autor expõe sobre a importância do desenvolvimento do indivíduo ocorrer em um ambiente facilitador, uma vez que como diz o autor, esse desenvolvimento é um processo maturacional de soma de experiências de vida, assim o sistema familiar é o primeiro ambiente e o alicerce do desenvolvimento dos indivíduos.

O vínculo entre mãe e bebê é essencial para o desenvolvimento infantil. Como exposto por Winnicott (1980) e por Zimmerman (1999) a criança, para obter um desenvolvimento saudável, necessita do estabelecimento de um vínculo também saudável, que não seja um

vínculo simbiótico e nem a falta de um vínculo satisfatório, e sim um vínculo que supra as suas necessidades.

Estes autores relatam que a criança necessita de um ambiente base com relacionamentos saudáveis, para que possa conseguir desenvolver sua identidade, conseguir interagir e relacionar com o sistema familiar e extra-familiar, e assim conseguir estruturar sua personalidade com vínculos saudáveis. Esse ambiente deve ser proporcionado a ela pelos pais ou por um adulto que seja capaz de desenvolver esse papel protetor.

A criança que se desenvolve neste ambiente base, em um bom lar, de vínculos saudáveis, ao lado de pais afetivos, que proporciona conforto e proteção, conseguirá desenvolver estruturas psíquicas fortes para enfrentar a vida cotidiana (Zimmerman, 1999).

Minuchin (1982) também relata sobre a importância do sistema familiar como a principal matriz responsável para o desenvolvimento da individualidade de cada membro do sistema. O autor expõe que é na família que se constrói a identidade humana, e esta construção se obtém através da participação de experiências e vivências dos membros do sistema, com outros subsistemas familiares e extra-familiares.

Dessa forma os autores relatam sobre a importância dos vínculos estabelecidos, as relações e interações dentro do sistema familiar e extra-familiar, para o desenvolvimento saudável do indivíduo, para a construção de sua identidade. Relatam sobre a importância de o sistema familiar ser um ambiente facilitador deste desenvolvimento.

Desta forma, podemos dizer que é através deste ambiente facilitador, que Minuchin (1982) chama de sistema familiar, é que se obtém o desenvolvimento do sentimento de separação e individuação dos membros da família, em que a estrutura familiar se forma por meio das regras e exigências funcionais de como cada sistema familiar interage.

As autoras Carter e McGoldrick (1995) relatam também que é necessário ter um olhar global para cada sistema familiar, respeitando suas regras, exigências funcionais, sociedade e cultura em que estão inseridas.

As autoras expõem que o ciclo de vida e o desenvolvimento de cada membro da família, ocorrem dentro do sistema familiar, e relatam que essa visão do olhar global para o sistema torna-se importante para o entendimento dos problemas emocionais, que cada indivíduo desenvolve na medida em que se relacionam e somam experiências de vida juntos.

Dessa forma, as mesmas autoras relatam sobre a importância dos membros do sistema familiar em saber enfrentar as mudanças impostas em cada ciclo de vida, como no ciclo em que se forma o estágio do novo casal, no qual devem com os valores e crenças que cada um

traz de suas famílias de origem, e o que eles, como novo casal vão construir juntos como regras de organizações e funcionamento. E, quando o casal torna-se pais com filhos pequenos, deve assumir a responsabilidade do papel de pais, responsáveis pelos seus filhos, como também o papel de marido e mulher, então, a importância das interações e relações, o estabelecimento de fronteiras e regras transacionais.

Minuchin (1982) também relata que é através destas relações e interações, que o sistema obtém a organização dos comportamentos dos membros da família, e desta interação, o sistema desenvolve os seus padrões transacionais.

O autor aponta que é através desta interação dos membros do sistema familiar como outros subsistemas familiares e extra-familiar, que vão desenvolvendo e aprendendo habilidades diferenciadas, de organização e de comportamento. E este aprendizado se mostra importante para os indivíduos pertencentes ao sistema, para fornecer o treinamento e manutenção da individualidade, e a aquisição de habilidades interpessoais.

Assim, diante de todas as mudanças ocorridas no contexto familiar, dentro do sistema e fora do sistema, faz-se pensar, sobre o que os autores expõem da importância do sistema familiar com primeiro meio para o desenvolvimento da individualização, da importância da qualidade das interações e relações que o sistema oferece aos seus membros.

A importância das relações e interações para o desenvolvimento dos padrões transacionais, que estruturam a família, e dessas relações soma as formas de organização de comportamentos, valores, crenças, vínculos que serão passados aos membros do sistema.

Em que o sistema possa ser forte e ao mesmo tempo possuir a flexibilidade de conseguir se adaptar frente às mudanças impostas pela sociedade, dando assim suporte a continuidade do desenvolvimento dos indivíduos pertencentes ao sistema familiar.

Nesse sentido, é de fundamental importância pensar em um ambiente que seja “suficientemente bom”, de um sistema familiar que seja facilitador, com relacionamentos de vínculos afetuosos, de possibilidades mais humanizadas e de aproximação dos membros pertencentes do sistema.

Considerações finais

Assim então, como exposto no trabalho, o sistema familiar vem sofrendo várias

mudanças, de ordem e significado, mudanças estas impostas pelo meio, pela sociedade em que estão inseridas. O que se mostra importante frente a este cenário é que o sistema familiar consiga ser forte e ao mesmo tempo flexível para suportar estas mudanças.

Desta forma, que o sistema familiar, inserido nesta sociedade de tantas mudanças, possa proporcionar um ambiente “suficientemente bom”, um ambiente facilitador, de relações e interações saudáveis, para que seus filhos consigam ter um desenvolvimento também saudável.

Que o sistema familiar, a família, possa encontrar equilíbrio entre oferecer aos seus membros “raízes e asas”, através de relações e interações de vínculos afetuosos, para assim, servir como suporte da continuidade do desenvolvimento dos indivíduos pertencentes ao sistema familiar.

Lançar luz sobre a reflexão das relações e interações no sistema familiar torna-se importante, pois são através delas que se constroem os padrões transacionais, os modelos de estrutura familiar, é a partir do qual que se obtém a construção da totalidade do indivíduo.

É através das relações e interações que se obtém também a construção da sociedade, a construção do mundo de cultura e valores, os processos de aprendizagem, tipos de comportamento, desenvolvimento e evolução.

Neste sentido, de que hoje não existe um modelo, uma única forma de organização familiar, há que se pensar sobre a importância das relações e interações nos sistemas familiares, uma vez que, a família é o primeiro ambiente em que o indivíduo inicia o seu desenvolvimento, no qual aprende formas de estabelecer vínculos, aprende sobre valores, crenças, em fim, é na família que o indivíduo desenvolve a construção de sua individualidade, o seu “eu”.

Assim, traz-se a reflexão de que fator é importante, para que as relações e interações ocorram, e possam proporcionar um “ambiente suficientemente bom” para o desenvolvimento dos indivíduos.

A visão do conto chinês de que o amor dá significado às relações possam clarificar esta questão, em que o amor não é um sentimento, e sim uma dedicação, uma ação, um movimento de humildade, em relação ao outro, e o resultado desse empenho é o fruto, o ambiente suficientemente bom.

Referências

Ariès, P. (1981). *Historia social da criança e da família* (2a ed.) Rio de Janeiro: LTC.

Borges, M. L. S. F. (2005). *Função materna e função paterna: Suas vivências na atualidade*. 2005. 148f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

Capra, F. (1982). *O ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Lane, S. T. M., & Codo, W. (2001). *Psicologia social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.

Lypovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.

Minuchin, S. (1982). *Famílias funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mondardo, A. H., & Valentina, D. D. (1998). Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3). Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em 16 ago. 2011.

Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24(1). Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2011.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Souza, J. A. (2005). A formação do vínculo afetivo: a questão do apego. *Rev. Técnica IPEP*, 5, (1/2), 81-89.

Souza, L., Freitas, M. F. Q., & Rodrigues, M. M. P. (Orgs.). (1998). *Psicologia reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (1980). *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Belo Horizonte: Interlivros.

Winnicott, D. W. (1985). *A criança e seu mundo* (6a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Zimmerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.